

Mortes em tremor vão a 7.800, e OMS vê risco a 23 milhões



Mesut Hancer segura a mão de sua filha Irmak, 15, morta entre colchão e escombros após terremoto atingir a cidade turca de Kahramanmaraş

Terremotos matam mais de 7.800, e frio e crises dificultam resgates

OMS prevê impacto a 23 milhões de pessoas; regime sírio impõe condições a ajuda internacional

SÃO PAULO Frio, crises políticas, tremores secundários e danos na infraestrutura de estradas atrapalhavam as buscas de sobreviventes na Turquia e na Síria nesta terça-feira (7) após o terremoto que já matou mais de 7.800 pessoas.

Em toda a região, equipes de resgate trabalharam durante a madrugada e amanheceram tentando encontrar sobreviventes, enquanto moradores esperam informações de parentes sob os escombros.

Osismo de magnitude 7,8 matou 5.994 pessoas na Turquia, no segundo tremor mais forte em quase um século e o mais letal dos últimos 24 anos — o governo turco calcula que pelo menos 5.775 prédios colapsaram. Já a Síria, segundo o regime em Damasco e equipes de resgate em zonas rebeldes, soma 1.932 óbitos. Os feridos dos dois países são mais de 34 mil.

“É uma corrida contra o tempo”, disse o diretor-geral da OMS (Organização Mundial da Saúde), Tedros Adhanom Ghebreyesus. “A cada minuto que passa as chances de encontrar pessoas com vida diminuem.”

Segundo a entidade, os efeitos dos terremotos podem afetar 23 milhões de pessoas na região, e o número de mortos pode chegar a 20 mil. Antes mesmo dos sismos, já havia ao menos cinco milhões de pessoas em situação de vulnerabilidade. Trata-se do caso de refugiados da Guerra da Síria, por exemplo, e da população local que vive em áreas urbanas e rurais afetadas por mais de uma década de conflitos.

A Síria necessita de mais ajuda externa que a Turquia em razão de sua menor capacidade de resposta, mas impôs condições à ajuda internacional prometida por países como EUA, Israel e Alemanha. Embora tenha dito que as ajudas recebidas serão destinadas a “todos os sírios, em todo o território”, o embaixador

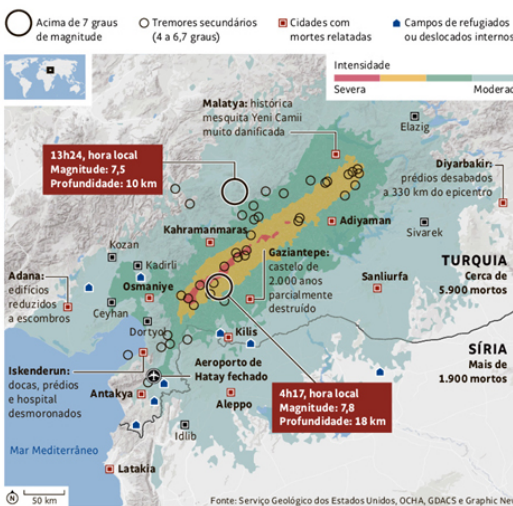
de Damasco na ONU, Bassam Sabbagh, afirmou que a distribuição dos auxílios tem de ser feita pelo regime. “Os acessos a partir da Síria existem e podem ser coordenados”, disse.

O regime de Bashar al-Assad está isolado internacionalmente e é alvo de sanções — a Rússia, um de seus poucos aliados, foi um dos únicos países que prometeram o envio imediato de equipes de emergência, além de disponibilizar 300 militares russos acampados perto dali para ajudar nos resgates.

O problema é que províncias como Idlib, reduzido ao norte do país controlado por rebeldes e jihadistas, não mantêm pontes com o regime. Quase toda a ajuda humanitária que chega à área hoje vem da Turquia e passa pelo Bab al Hawa, ponto de acesso criado a partir de uma resolução das Nações Unidas — e que tanto para Damasco quanto para Moscou representa uma violação da soberania síria.

Na manhã desta terça, as Nações Unidas anunciaram que o fluxo de ajuda da Turquia para o noroeste da Síria foi temporariamente interrompido devido a danos nas estradas e a outros problemas logísticos. “Algumas estradas estão danificadas, e outras, inacessíveis. Há questões logísticas que precisam ser resolvidas”, disse à agência de notícias Reuters Merve Sun-Suona, porta-voz

Ajudas internacionais correm para buscar sobreviventes de tremores que deixaram mais de 7.800 mortos na Turquia e Síria



da ONU para a Coordenação de Assistência Humanitária. “Não sabemos quando os serviços serão retomados.” Segundo El-Mostafa Benlillah, coordenador da entidade em Damasco, muitas pessoas preferiram passar a noite ao relento ou dentro de carros, muitas vezes em temperaturas congelantes. “A infraestrutura foi danificada, assim como as estradas que usamos para trabalhos humanitários. Vamos ter que encontrar soluções criativas para chegar às pessoas”, afirmou. Antes mesmo do tremor,

a organização estimava que mais de 4 milhões de pessoas no noroeste do país já dependiam de doações oriundas do exterior. A crise humanitária síria se aprofundou ainda mais nos últimos meses, quando a população passou a conviver com escassez de combustível e eletricidade em meio a um dos invernos mais rigorosos de sua história.

O frio e a neve também atrapalharam operações de resgate no sul da Turquia. “Garantir que as pessoas recebam ajuda adequada nas primeiras 72 horas após terremotos tão

grandes e catastróficos como esse não é fácil”, disse Murat Harun Öngören, coordenador da Akut, uma das maiores organizações da sociedade civil do país para resgate e ajuda humanitária ao jornal britânico The Guardian.

O tremor atingiu áreas remotas, em que as equipes de resgate enfrentam muitos obstáculos. Ali Ünli, morador de Adiyaman, por exemplo, tenta tirar sua mãe dos destroços da casa dela desde segunda-feira.

“Após o terremoto, corri para a casa da minha mãe e vi o prédio colapsado. Fiquei devastado. Esperei equipes de resgate, mas elas não apareceram. Comecei a ligar para as autoridades, mas todas as linhas foram cortadas”, afirmou ele, também ao Guardian. “Está muito frio, e nós não temos comida. Já faz 24 horas que a minha mãe está presa sob os escombros. Não sei se ela ainda está viva ou não.”

Entre as imagens que retratam o drama vivido por moradores de áreas atingidas por um forte terremoto nesta segunda-feira (6) está a de um pai que segura a mão de sua filha morta entre escombros de um prédio na cidade turca de Kahramanmaraş. Na área próxima ao epicentro do tremor, Mesut Hancer ficou ao lado de Irmak, 15. A cena foi registrada pelo fotógrafo Adem Altan, da AFP, nesta terça. Ao redor de pai e filha, destroços do edifício, colchões e roupas.

Em Jindires, cidade no noroeste da Síria, equipes de resgate encontraram uma recém-nascida sob os escombros ainda ligada pelo cordão umbilical à mãe morta. A bebê é a única sobrevivente de uma família que estava em um prédio de quatro andares colapsado após o terremoto. Os socorristas encontraram, todos juntos, os corpos de seu pai, Abid al-Melhan, sua mãe, Aafra, suas três irmãs, seu irmão e sua tia.

A bebê foi levada para um hospital na cidade vizinha de Afrin, onde foi colocada em uma incubadora e recebeu vitaminas. Pesando 3,75 kg, ela tem hematomas, mas seu estado de saúde é estável, segundo o médico Hani Maaruf disse à AFP. “Ela provavelmente nasceu sete horas depois do terremoto.”

com AFP e Reuters

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mundo **Caderno:** A **Página:** 10